

**«A ignorância dói, machuca e mata».**  
**A intolerância religiosa sobre as religiões de matriz africana.**

**«Ignorance hurts, maims and kills».**  
**Religious intolerance of African-based religions.**

Sales Conceição de Melo Nogueira\*

Recebido: 30/10/20  
Aprovado: 04/11/20

### **Resumo**

O artigo faz uma reflexão sobre a intolerância religiosa vivida pelos seguidores das religiões de matriz africana no Brasil. Essas religiões são frutos da resistência dos africanos escravizados em terras brasileiras; durante o longo período de escravidão, os negros conservaram a tradição religiosa de seus antepassados. Eles lançaram mão da Religião para manter aspectos da própria cultura. Dessa maneira, conseguiram dar novo significado à sua herança religiosa. Embora a modernidade tenha considerado a religião como algo inexpressivo e sem futuro, a busca da vivência religiosa dos antepassados permitiu aos descendentes dos escravos dar sentido novo à herança dos antepassados. Assim, os afrodescendentes descobriram na experiência religiosa, não apenas o encontro com o sagrado, mas também realização de seus anseios materiais e espirituais. Contudo, muitos grupos desses religiosos tem sido vítimas de intolerância, racismo e ódio por causa das expressões de fé em nosso contexto brasileiro. Esse cenário revela preconceito e intolerância por parte de outras denominações religiosas. Na atual sociedade brasileira, as Igrejas pentecostais e neopentecostais tem demonstrado atitudes de total repulsa e aversão a essas religiões de cunho africano. O desafio de manter a tradição dos antepassados e o enfrentamento contra a violência às expressões culturais de sua fé, faz dos seguidores das religiões de matriz africana protagonistas de uma luta incansável pelo seu espaço na esfera do pluralismo religioso.

**Palavras-chave:** Intolerância, Religião, Matriz africana, Negro.

### **Abstract**

The article reflects on the religious intolerance experienced by followers of religions of African origin in Brazil. These religions are the result of the resistance of Africans enslaved in Brazilian lands; during the long period of slavery, blacks maintained the

---

\* Sales Conceição de Melo Nogueira é bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR, bacharel em Filosofia pela Faculdade Vicentina – FAVI e graduando em Teologia pelo Instituto Teológico São Paulo de Estudos Superiores – ITESP. E-mail: mariati884@yahoo.com.br.

religious tradition of their ancestors. Although modernity considered religion as something meaningless and without a future, the search for the religious experience of the ancestors allowed the descendants of the slaves to give new meaning to the heritage of the ancestors. They used Religion to maintain aspects of their own culture. In this way, they were able to give new meaning to their religious heritage. Thus, people of African descent discovered, in their religious experience, not only the encounter with the sacred, but also the fulfillment of their material and spiritual desires. However, many groups of these religions have been victims of intolerance, racism and hatred because of expressions of faith in our Brazilian context. This scenario reveals prejudice and intolerance on the part of other religious denominations. In today's Brazilian society, the Pentecostal and Neopentecostal Churches have shown attitudes of total repulsion and aversion to these African religions. The challenge of maintaining the tradition of ancestors and confronting violence against cultural expressions of their faith makes followers of religions of African origin the protagonists of a tireless struggle for their space in the sphere of religious pluralism.

**Keywords:** Intolerance, Religion, African matrix, Black

## **Introdução**

O fato de crescer num Estado cuja população é, em grande maioria, composta por evangélicos de diversas Igrejas, me levou a elaborar essa reflexão. Um episódio muito marcante para mim, foi o evento realizado no dia da Consciência da Negra, em 2010: um grande grupo de fiéis das religiões de matriz africana marchou na principal avenida da cidade de Porto Velho.

A marcha realizada no dia da Identidade Negra, não era de caráter religioso, no entanto, tem sido assim interpretada até hoje. As pessoas se puseram perplexas às portas dos comércios e começaram a hostilizar aqueles que marchavam ao som de cantos, poesias e palavras de ordem. Muitos daqueles perplexos, oravam a Jesus em voz alta repreendendo os caminheiros vestidos com as indumentárias das religiões afro-brasileiras.

O episódio me chamou tanto atenção, a tal ponto de me atentar às frases e palavras proferidas por quem não marchava, me levando a concluir o tamanho desrespeito às religiões e também ao povo negro e toda a sua cultura; dos mais diversos rótulos dados estavam *seguidores do diabo, religião de preto, músicas de satanás*, entre outros. Intolerância exacerbada ao limite do extremo e sem nenhum tipo de velo.

Rondônia é um Estado jovem da Federação brasileira. Como Estado, apresenta-se desde o início dos anos de 1980. Tem uma população constituída por migrantes internos, muitos desses, têm Rondônia como o terceiro lugar de destino em sua

migração; certamente, o fato de ter havido tais deslocamentos afetou diretamente o aspecto religioso e muitos aderiram às Igrejas evangélicas, sobretudo, as pentecostais e neopentecostais.

O comportamento desses fiéis evangélicos expressam um viés religioso marcado pelas dicotomias: Bem X Mal, Deus X Diabo, Sagrado X Profano. Além de muito comuns em seus discursos, de maneira especial, se materializam quando encontram um elemento representativo de oposição à sua fé. Nesse caso, a prática religiosa das religiões de matriz africana cristaliza o lado mal, conforme a visão deles, encarnando tudo aquilo que devem combater.

A tudo isso deve ser acrescentado todo o histórico de interpretação da cultura africana, desde a chegada dos negros escravizados no período colonial até os dias atuais. Nossa reflexão tem por objetivo analisar a temática da intolerância religiosa, a partir das situações vivenciadas pelas religiões de matriz africana no Brasil, apontando elementos que demonstram o porquê dessas religiões serem constantemente vítimas de intolerância religiosa.

Estruturamos nossa investigação em três partes principais. Na primeira parte, enfatizamos a ressignificação da fé e das tradições, como herança dos antepassados escravizados. Na segunda, apresentamos, de maneira geral, a religião na visão da modernidade e a questão da intolerância religiosa. E, por fim, abordamos a questão das religiões de matriz africana e a intolerância religiosa por elas vivida, apresentando casos atuais e correlacionando-os com aspectos históricos dos negros no Brasil.

Esperamos poder contribuir com alguns elementos para despertar a necessidade da conscientização pelo respeito mútuo à cultura religiosa herdada dos antepassados vindos da África, assim como fomentar o interesse pelo diálogo inter-religioso no atual cenário moderno, onde se percebe a real necessidade da abertura contundente para a liberdade de expressão, pensamento e da prática de valores culturais tão singulares para os grupos sociais.

### **1. A ressignificação da fé e da herança religiosa dos negros escravizados**

Instaurada a escravidão como instituição, os portugueses investiram maciçamente no comércio de negros africanos por meio do tráfico negreiro, e durante o período colonial foram trazidos para o Brasil em média quatro milhões de escravos,

vindos de diversos lugares da África como Senegal, Guiné, Sudão, Benin, Congo, Angola, Moçambique, entre outros, gerando uma grande diversidade étnica e cultural ao longo da história do Brasil (MATTOSO, 1982).

Esse fator incidiu diretamente na esfera religiosa, algo muito peculiar dos cativos que não deixaram de cultuar os seus deuses e manter a religiosidade do seu povo. Entretanto, a crueldade dos portugueses era tanta que para evitar rebeliões e algo a comprometer os objetivos da coroa, eles mesclavam os escravos de distintos lugares de modo a não se comunicarem por sua língua nativa e, dessa maneira, forçá-los a comunicar-se em português. Além disso, eram batizados e obrigados a mudar de nome, assim como também proibidos de cultuar suas divindades.

Mesmo proibido de cultuar seus deuses, os africanos deram um jeito de burlar a imposição por parte dos seus senhores e ressignificaram a religiosidade trazida consigo, desta forma nasce o Candomblé, por exemplo. Esta é a religião que teve no Brasil um espaço para sua edificação após sofrer uma reinterpretação por parte dos negros escravizados na então colônia portuguesa.

Os negros africanos que vieram para trabalhar como escravos, principalmente nas lavouras das Américas, trouxeram consigo a cultura do seu continente de origem. No entanto, esta cultura fora carregada na alma dos cativos que conseguiram mantê-la viva graças preservação da religiosidade, como afirma Verger (2002, p. 23):

Os navios negreiros transportaram através do Atlântico, durante mais de trezentos e cinquenta anos, não apenas o contingente de cativos destinados aos trabalhos de mineração, dos canaviais, das plantações de fumo localizadas no Novo Mundo, como também a sua personalidade, a sua maneira de ser e de se comportar, as suas crenças.

A resistência religiosa foi um fator de suma importância para a preservação da cultura do negro, este último que fora afastado violentamente de suas origens, gerando assim, uma violência cultural exacerbada da parte dos colonizadores.

A preservação da identidade religiosa do negro africano custou-lhe algumas artimanhas para despistar os senhores que proibiam principalmente a manifestação religiosa. Ao cantar e dançar em louvor aos seus deuses, os negros afirmavam estar exaltando os santos, assim *quando precisavam justificar o sentido dos seus cantos, os escravos declaravam que louvavam, nas suas línguas, os santos do paraíso. Na verdade, o que eles pediam era ajuda e proteção aos seus próprios deuses* (VERGER

2002, p. 25).

Os negros, através dos séculos, não permitiram que sua cultura fosse arrancada violentamente por completo. Utilizaram da inteligência para que o clero português e os seus senhores não desconfiassem que mantinham sua religiosidade viva e que cultuavam as divindades africanas, ainda que de forma disfarçada. Esse fato histórico e de grande relevância para a preservação da religiosidade africana, surte efeitos na atualidade devido ao sincretismo religioso que predomina nos Terreiros de Candomblé e em outras denominações religiosas de matriz africana.

Espalhados pelo Brasil, os negros africanos, em sua maioria, eram jovens e não conheciam suficientemente a liturgia da religião africana. Misturados, vieram de lugares diferentes da África e, no Brasil, como numa colcha de retalhos, fizeram uma reinterpretação da religiosidade africana. Cada localidade do país tem uma interpretação diferente dessa religiosidade; embora essa dispersão e reinterpretação tenham ocorrido, é salutar destacar a importância da preservação da identidade religiosa que eles trouxeram do velho mundo.

Palco importante das manifestações da religiosidade africana é o nordeste brasileiro, principalmente nos estados da Bahia, Pernambuco e Maranhão. Outras regiões do país também têm a expressividade do africanismo na religião como o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro, por exemplo; esses estados têm destaque nesse seguimento de manifestação religiosa pelo fato de terem recebido uma grande quantidade de negros africanos vindos na diáspora.

Em cada localidade do Brasil, as manifestações da religiosidade africana se deram de forma diferente, com nomes diferentes, como por exemplo, o Tambor de Mina no Maranhão que segundo Lima (2008, p. 1):

Os rituais do Tambor de Mina distinguem-se dos rituais da Umbanda e do Candomblé, principalmente, mas não exclusivamente, pela incorporação de *Voduns* no corpo dos devotos iniciados, por sua homenagem no ciclo de festas e rituais e ainda por se constituírem no conjunto de divindades que ocupam o lugar mais elevado na hierarquia espiritual dos terreiros que o adotam como modelo religioso.

Dessa forma, os negros escravizados, em terras brasileiras, conseguiram manter a sua fé original, ante a imposição do colonizador ao fixar a sua fé cristã como obrigatória, negando e difamando a crença dos africanos. Por meio da manutenção da tradição religiosa, principalmente através da oralidade, os africanos conseguiram manter

a sua cultura religiosa. É elementar salientar que não se trata somente da religião em si, mas de toda a tradição de um povo imbricada numa fé empapada de saberes populares. No entanto, vítima de desrespeito, intolerância e discriminação racial e religiosa, muito presente na sociedade dos tempos atuais.

## **2. A intolerância religiosa**

A secularização é um elemento histórico do qual não é possível fazer a dissociação da esfera religiosa, quando se realiza uma análise desta. Tendo presente o avanço científico, é fundamental considerar que este viera causar uma reflexão profunda sobre os conceitos religiosos, dentre os principais: a origem da humanidade e a inexistência do transcendental. A esse respeito Berger (1985, p. 119) afirma:

Quando falamos em cultura e símbolos, todavia, afirmamos implicitamente que a secularização é mais que um processo socioestrutural. Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos, nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo.

Fora levantada a proposição de que a religião seria um artefato de pouca importância nos tempos da modernidade. A mesma suposição foi sustentada por intelectuais de singular importância para as ciências sociais. Entre esses teóricos destacam-se os nomes de Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim. Dessa forma, Giddens (2005, p.430), afirma:

As abordagens sociológicas da religião ainda são fortemente influenciadas pelas ideias dos três teóricos “clássicos” da Sociologia: Marx, Durkheim e Weber. Nenhum dos três era religioso, e todos imaginavam que, nos tempos modernos, a religião passaria a ser menos importante. Para eles, a religião era fundamentalmente uma ilusão.

No entanto, o que se vê na atualidade é, cada vez mais acentuada, a importância da religião para muitos grupos sociais. A motivação das pessoas a procurar os espaços religiosos são os mais variados. Encontrar-se com o divino para satisfazer as necessidades individuais, sejam elas espirituais ou materiais, impulsiona os indivíduos nessa busca pelo sagrado.

Mesmo diante de tantas explicações que a ciência oferece para a humanidade nos mais variados campos, a religião, até então, pensada como elemento extinto da sociedade, não perdeu seu espaço na vida do homem. Pelo contrário, ao se adequar à

ascensão da ciência como fator *absoluto* ela encontrou maneiras para estar presente no seio da sociedade.

Nos tempos atuais é possível identificar que a adesão à religião se dá de maneira diferente. O que antes acontecia exclusivamente por obrigatoriedade ou hereditariedade, agora ocorre da forma mais simplificada possível, isto é, atualmente passa a ser uma necessidade individual de buscar, vivenciar ou suprir alguma necessidade emotiva ou material, regendo assim, a atual procura pela religião. De tal modo, a vivência religiosa contribuirá como auxílio aos sofrimentos e as dores que assolam o cotidiano desses indivíduos, que segundo Oliveira (2007, p.212):

Para esta geração, o futuro, o mercado de trabalho e as drogas são fatores de sofrimento. A religiosidade ajuda a tornar isto suportável. Diante da competição do mercado de trabalho, que é muito dura e, conseqüentemente, cria muitas angústias, somente o acesso à informação tecnológica e científica não alivia o sofrimento.

Infelizmente, não são todos os segmentos religiosos que têm o devido respeito, acolhimento e tolerância por parte da sociedade. Muitos são marginalizados, estigmatizados e sofrem sérios ataques por sua expressividade religiosa. Embora os grupos religiosos venham somar para a construção da sociedade, a partir de seus valores, como o convívio social, a liberdade de expressão, o compromisso e a responsabilidade, ainda assim, são vítimas da violência cultural fruto da intolerância.

Nossa compreensão para o termo *intolerância religiosa*, parte do uso deste como um elemento comum para descrever a ausência de tolerância pela falta de compreender ou aceitar algo. Portanto, o sujeito que pratica a intolerância, conforme essa concepção, o faz porque sente aversão, asco ou até mesmo ódio por aspectos destoantes da sua visão de mundo. Os intolerantes, na perspectiva de sociedade, não aceitam elementos divergentes daquilo que faz parte do seu universo ou grupo social. Além de não compreender os horizontes do outro, atacam, difamam e não admitem a sua manifestação.

No universo religioso, a prática da intolerância é cristalizada em atitudes de discriminação para com pessoas, grupos, templos e afins, de diferentes credos. A intolerância religiosa é uma realidade presente nos mais diferentes segmentos sociais, se estrutura numa mescla de incompreensão do direito do outro manifestar o seu credo e, sobretudo, na discriminação por querer se mostrar superior à fé e às convicções

religiosas do outro, a partir de uma visão etnocêntrica de mundo. Sobre o direito à liberdade religiosa, a declaração Universal dos Direitos Humanos traz no seu décimo oitavo artigo:

Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular. (ONU, 1948).

Esse artigo da declaração Universal dos Direitos Humanos, é imprescindível quando a liberdade religiosa é o tema em questão. Faz-se necessário entender que a indiferença, a ofensa e a violência às crenças, às religiões e seus prosélitos, ferem a dignidade humana dos indivíduos vitimados por tais atos. A radicalidade mais extrema da intolerância religiosa toma forma quando a violência se manifesta em ações físicas, morais ou psicológicas. Gerando danos imensuráveis para as pessoas vítimas de tais violências.

De maneira geral, podemos compreender desse modo a intolerância religiosa, mesmo diante de tantos avanços obtidos, sejam no campo social, científico, entre outros, a ideia de superioridade ainda prevalece, como também o desprezo pela cultura do outro. Pensar uma sociedade com valores de fraternidade é um desafio, especificamente para a edificação desta, pois, há muito por fazer para avançar e fortalecer o diálogo entre as culturas, possibilitando assim, laços mais fraternos.

Trataremos, a seguir, de um modo mais específico, da intolerância religiosa vivida pelas religiões de matriz africana no Brasil. Em casos muito recentes vividos por seus fiéis, identificamos atos de racismo, violência, desprezo e estigmas, sofridos por essas religiões e seus adeptos que têm de enfrentar um grande desafio na luta diária contra a intolerância religiosa.

### **3. Intolerância e religiões de matriz africana**

A herança do cristianismo é muito forte e presente na cultura do povo brasileiro, nas mais variadas dimensões. O catolicismo foi por muito tempo a religião oficial do Brasil com acentuada aproximação do Estado. Teve a sua hegemonia como religião, mas ao longo do tempo, mesmo tendo o maior número de fiéis, já não é mais hegemônica como outrora.



As Igrejas evangélicas passaram a ocupar um considerável espaço no cenário religioso nacional. Destacamos aqui o avanço do pentecostalismo e do neopentecostalismo, os quais se estabelecem no Brasil, no século XX e se destacam no número de adeptos. Passam a ocupar, paulatinamente, espaços de destaques como as mídias e a política.

Nessa mentalidade de acatar prosélitos e lhes possibilitar a salvação, fazem tudo *em nome de Jesus*, buscando, dessa forma, obter o maior número de adeptos e interferir diretamente na mentalidade da população, especialmente, por meio de leis, defendidas por seus representantes políticos nas mais distintas esferas.

Esse pensamento de uniformidade religiosa é totalmente incompatível com o Brasil, haja vista a realidade hodierna de inúmeras expressões religiosas, por isso é importante ressaltar que:

Não há mais espaço para entrincheiramento e isolacionismo, pois o diálogo é necessidade de uma cultura caracterizada pela pluralidade. Neste contexto, o cristianismo começa a enfrentar um certo desconforto e sua pretensão à universalidade. Nesse ambiente plural e favorável ao diálogo, advogar para si a superioridade seria assumir, em nível teológico, o injusto colonialismo detectado nas relações econômico-sociais entre Oriente e Ocidente, Norte e Sul. (PEDREIRA, 1999, p. 120).

A comunidade evangélica, principalmente a de linha mais radical, repete os erros do passado. Já não é mais possível falar de um único viés religioso, pois a pluralidade é uma constante. O pentecostalismo e o neopentecostalismo no Brasil, adotaram uma espécie de confronto com outras religiões, mais especificamente com as de matriz africana, criando assim, uma realidade dualista onde há o enfrentamento de forças opostas, isto é, o bem e o mal, Deus e o diabo. Para Silva:

O neopentecostalismo, em consequência da crença de que é preciso eliminar a presença e a ação do demônio no mundo, tem como característica classificar as outras denominações religiosas como pouco engajadas nessa batalha, ou até mesmo como espaços privilegiados da ação dos demônios, os quais se "disfarçariam" em divindades cultuadas nesses sistemas. É o caso, sobretudo, das religiões afro-brasileiras, cujos deuses, principalmente os exus e as pomba giras, são vistos como manifestações dos demônios. [...] é bom que se diga que a visão das igrejas neopentecostais sobre as religiões afro-brasileiras é consequência do desenvolvimento do sistema teológico e doutrinário do pentecostalismo, surgido no Brasil no início do século XX, sobretudo a partir das décadas de 1950 e 1960 (2007, p.2).

Os casos de intolerância religiosa para com os adeptos das religiões de matriz africana, são inúmeros e recorrentes. É importante ressaltar dentro desses casos a presença do racismo imbricado no extremismo religioso, embasado no confronto dual entre o bem e o mal. Um exemplo dessa relação de intolerância e racismo é o caso ocorrido em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, no dia 25 de março de 2019. Traficantes invadiram o Terreiro, a casa de culto, expulsaram os fiéis e depredaram o lugar, *de acordo com a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância, o caso foi registrado como violação de domicílio, constrangimento ilegal, dano e furto – além do Artigo 20 da Lei Caó, que trata de racismo.*<sup>1</sup>

Um outro caso mais recente é o de uma mãe que perde a guarda de sua filha, por denúncias da avó da menina, pelo fato dela ter participado de um ritual de iniciação religiosa no Candomblé. A avó, alegou abuso sexual e maus-tratos sofridos pela adolescente. Por ser evangélica, a família da menina defendeu-se dizendo se tratar de intolerância religiosa. Conforme a matéria do Portal UOL (2020):

No último dia 23 de julho, o conselho recebeu uma denúncia anônima dizendo que a jovem era vítima de maus-tratos e abuso sexual. Junto de policiais militares, os conselheiros foram até o terreiro. A adolescente chegou a relatar que não estava sofrendo qualquer tipo de abuso, mas, sim, passando por um ritual. A mãe, que trabalha como manicure, explicou que, durante a cerimônia, a menina não poderia deixar o local. Os nomes das duas foram suprimidos para não expor a identidade da jovem.

Casos como esses expressam uma realidade muito difícil para os fiéis das religiões de matriz africana. É o peso do passado entrelaçado no presente. Outrora os negros escravizados eram vítimas de uma proibição total de cultuar as suas divindades, tendo de aceitar às duras penas o catolicismo como religião. Em tempos atuais, apresenta-se um preconceito *velado*, tentando proibir os atuais fiéis dessas religiões de praticarem sua fé. São tomados como figuras que cultuam o demônio, praticam feitiçarias e seus cultos envolvem rituais macabros. Visões totalmente deturpadas dessas religiões, as mesmas trazem em si uma riqueza muito grande, especialmente, no âmbito da identidade como povo.

---

<sup>1</sup> In: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/29/terreiro-de-candomble-iguacu-religiosos-foram-expulsos.ghtml> Acesso em: 20 set. 2020.

Segundo o site Correio Braziliense (2019), 59% dos atos de intolerância religiosa são desferidos às religiões de matriz africana. A matéria publicada no site, no dia onze de novembro de 2019, explicita:

O dia a dia de quem escolheu seguir uma **religião de matriz africana** é de luta. Mãe Marinalva conta que a ignorância traz danos irreparáveis. "Perdi emprego por ser de religião de matriz africana, isso é um absurdo, mostra o preconceito. Somos agredidos até por pessoas que se dizem religiosas, mas não têm escrúpulo nem amor ao próximo. Isso é demonstração de que não nos conhecem", lamentou. Ela acredita que há muito desconhecimento da população sobre as práticas e tradições da umbanda e do candomblé, o que acaba gerando conflitos. "A **Prainha** foi depredada, os **terreiros** estão sofrendo ataques. Ou seja, convivemos com muitas rejeições da sociedade. Às vezes, passa carro de som de igreja de outra religião na frente do meu terreiro só para nos agredir verbalmente, dizendo que ali mora satanás. Quem faz isso são pessoas que leem a Bíblia e não entendem nada", reclama Mãe Marinalva.

Embora sejamos uma população, em sua maioria, de mestiços e negros, temos o preconceito racial introjetado nos mais diversos âmbitos da sociedade brasileira. Logo, quando se discrimina um segmento religioso, esta ação é também diretamente arremessada à identidade cultural de um povo e toda a sua história. Impossível não relacionar tal atitude a um racismo tão presente e dilacerador nas muitas realidades do Brasil.

Então, para compreender o universo de outrem é necessário, no mínimo, conhecê-lo, pois julgar a cultura alheia a partir dos nossos parâmetros e olhares de nossos prismas, leva a um etnocentrismo desenfreado e cego. Isso se aplica às religiões de matriz africana, como é o caso do Candomblé, por exemplo, porque a compreensão dessa religião parece ser complicada para quem está de fora. Segundo Beniste:

Para entendê-la é necessário ir a esse povo, encontrá-lo, vê-lo como realmente é; entrar solidariamente em seus sentidos para saber o que pensa, e não o que achamos que esse povo deveria pensar e crer... No culto dos Candomblés, não há nada do tipo "faça como você quiser". Há sempre consciência da necessidade de se cumprir a tarefa com atenção e energia de comando. A crença na existência de força que controlam os fenômenos da natureza e na possibilidade de se estabelecer um contato com essas forças assim o exige (2004, pp.20 e 22).

É pelo conhecimento que é possível se libertar das garras da ignorância. A intolerância religiosa é, em demasia, ignorância exacerbada. Não conhecer a cultura do outro nos leva a fomentar ideias equivocadas, violentas e sem fundamentos, tendo um

olhar unilateral sobre a realidade. A necessidade de sentir-se aceito e respeitado faz com que muitos adeptos dessas religiões encontrem isso neste ambiente religioso que procuraram frequentar. Participar dessa comunidade ou grupo religioso lhes garante satisfações pessoais, sociais e políticas que não encontram fora, e por diversos motivos são discriminados.

Numa sociedade que estigmatiza e muitas vezes despreza os seguidores de religiões de matriz africana, a preservação dos valores dessa religião se torna visível a partir do momento que os seus fiéis passam a se assumir como seguidores das mesmas, ainda que a discriminação e o desrespeito sejam os principais elementos que caracterizem o olhar da sociedade que está de fora desse modelo de fé.

### **Considerações finais**

A história do Brasil é marcada por muitos ciclos econômicos, nos quais está imbricada a escravidão. Por quase trezentos anos, a escravidão de negros foi utilizada como mão de obra em diversas atividades como a agricultura e o garimpo, por exemplo. Sobre as mãos e as costas dos negros escravizados, o Brasil foi se desenvolvendo economicamente, mas nunca reconheceu a importância daqueles que realmente trabalharam para o seu desenvolvimento.

Aos negros ficou o estigma do racismo, da intolerância e do preconceito. A escravidão foi uma mancha muito negativa na história do Brasil, mas poderíamos ser mais contundentes e afirmar que ela foi muito mais negativa na vida dos negros escravizados. Esta mancha negativa se estende à toda história, fundamentada por lei, por pensamentos de intelectuais e afins. A Igreja Católica teve grande influência, através de seus sacerdotes, ditos intelectuais, que fundamentaram e apoiaram declaradamente a escravidão do negro no Brasil, sem realizar grandes esforços para que ela fosse dissipada, porque, segundo eles, sem escravidão não era possível manter a sociedade.

As religiões de matriz africana representam uma forte e significável resistência ante a opressão, o desprezo e a violência cultural praticada no passado e atualizada em tempos hodiernos. Mais que Terreiros e casas de culto, esses espaços representam verdadeiros territórios de identidades, haja vista os elementos preservados, com muitos esforços, da herança cultural africana, a saber, a língua, o culto às divindades, memória dos antepassados, cantos e alguns ritos. Foi por meio da religião que todas essas

elementos foram preservados.

No passado havia a pressão por parte do catolicismo, a religião oficial e dos senhores de escravos. Os negros, proibidos de cultuar suas divindades, burlavam as regras através do sincretismo religioso. Nos dias atuais, grande parte da intolerância decorre dos segmentos pentecostais e neopentecostais que veem nessas religiões a manifestação concreta do diabo, e os mesmos são convocados a combater o mal, segundo eles, disseminado por elas.

Grande parte das casas de culto das religiões de matriz africana encontram-se em ambientes urbanos, tomamos em conta a afirmação de Soares e Passos. (2009), quando afirma que é nas cidades que as muitas visões de mundo encontram a liberdade necessária para sua expressão, e que as religiões trazem como proposta o resgate da comunidade, tornando o espaço religioso atrativo.

Exatamente assim os Terreiros podem ser descritos, como lugares situados em zonas urbanas, em sua maioria, e que favorecem a vivência de comunidade, uma vez que buscam a essência de família para a construção da espiritualidade religiosa. Mas, infelizmente, suas visões de mundo ou cosmovisão não encontram, com facilidade, a liberdade para se expressarem.

Se faz necessário conhecer para entender e respeitar; do contrário, os constantes ataques de intolerância religiosa serão páginas tristes na história do Brasil e, principalmente, na vida dos fiéis desse segmento religioso. Estabelecer o diálogo inter-religioso seria fundamental, mas para que ele aconteça é importante haver a abertura da parte dos intolerantes, a começar pela compreensão sobre o respeito aos seguidores, às divindades e aos ritos religiosos dos adeptos das religiões de matriz africana.

### **Referências bibliográficas:**

BENISTE, J. *Órun – Àiyé: o encontro dos dois mundos: o sistema de relacionamento Nagô-Yorubá entre o céu e a terra*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

GIDDENS, A. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MATTOSO, K. de Q. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

OLIVEIRA, L. F. de. *Sociologia para Jovens do século XXI*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007.

PEDREIRA, E. R. *Do encontro ao encontro: uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.

BOM DIA RIO. Bom dia. Terreiro de candomblé é depredado em Nova Iguaçu e religiosos são expulsos: testemunhas acusam traficantes. Baixada Fluminense registrou 30 ataques a centros em 2018, segundo comissão contra intolerância. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/29/terreiro-de-candomble-iguacu-religiosos-foram-expulsos.ghtml> Acesso em: 20 set. 2020.

LIMA, M. V. de. Gênero e sucessão em Tambor de Mina: o Terreiro de Santa Bárbara (Porto- Velho – Rondônia). Disponível em: <http://www.cei.unir.br/artigo82html> Acesso em: 05 set. 2020.

MOURA, R. Mãe perde guarda da filha após jovem participar de ritual do Candomblé. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/08/07/mae-perde-guarda-da-filha> . Acesso em: 20 de set. 2020.

ONU. Declaração Universal Dos Direitos Humanos. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> Acesso em: 23 out. 2020.

RIOS, A. Religiões de matriz africana são alvos de 59% dos crimes de intolerância. 2019. Disponível em: <https://correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades> Acesso em: 20 de set. 2020.

SILVA, V. G. da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana* vol. 13. N. 1. Rio de Janeiro apr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em: 20 set. 2020.

SOARES, A. M. L. e PASSOS, J. D. *A fé na metrópole: desafios e olhares múltiplos*. São Paulo: Paulinas: EDUC, 2009.

VERGER, P. F. *Orixás deuses iorubás na África e no novo mundo*. Salvador: Corrupio, 2002.